



O Prédio da Lidgerwood Manufacturing fica à Avenida Andrade Neves e abriga atualmente o Museu da Cidade. Suas principais características são as paredes de tijolos aparentes, ou seja, sem revestimento, e as águias, que enfeitam o alto de janelas e portas.

## Líder... o quê?

Essa fábrica, de nome complicado em inglês, Lidgerwood Manufacturing surgiu nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil em 1862, na cidade do Rio de Janeiro. Em Campinas, abriu seu primeiro depósito em 1868.

Com o desenvolvimento dos transportes e também com o crescimento do café a empresa compra o prédio da Avenida Andrade Neves. Ali instala uma fundição de ferro e bronze, um depósito e uma oficina para os produtos que comercializava.

Em 1889, Campinas passou por uma epidemia de Febre Amarela. Naquele momento, 20 mil pessoas moravam na área urbana da cidade. A doença exterminou três quartos da população, restando apenas 5 mil moradores. Com isso, algumas indústrias que se instalavam por aqui deixaram o município.

No ano seguinte, 1890, a Lidgerwood transfere seus negócios para a Capital, mas mantém aqui uma filial, que funciona no mesmo lugar até 1922. Nesse ano, a empresa

fecha suas portas em Campinas e vende o antigo barracão.

Depois de passar por dois outros donos, o prédio acaba por ser desativado. Só volta a ser utilizado em 1992 quando é inaugurado o Museu da Cidade.

O MuCi, como também é chamado, surgiu da fusão de três museus que existiam no Bosque dos Jequitibás: o Museu Histórico, o do Folclore e o do Índio.

## Isso também é patrimônio!

O prédio da Lidgerwood foi o foco de acontecimentos fundamentais para a história da preservação do Patrimônio Cultural de Campinas.

Atualmente o órgão responsável por preservar o Patrimônio Cultural da cidade é o Condepacc, Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas, criado em dezembro de 1987. Antes disso, cabia somente à esfera estadual e federal esse papel.

A necessidade da criação de um conselho municipal foi alvo de discussões públicas na década de 1980. À frente desse impasse estava a entidade preservacionista Sociedade Febre Amarela.

Em exercício desde o início da década, a Febre

Amarela, foi oficializada em 1985. Seus fundadores foram: Antonio da Costa Santos, Luiz Cláudio Bittencourt, Sérgio Monteiro Portella Santos, Roberto Almeida Floeter, Luiz Antonio Martins Aquino, Rosa Maria da Rios Ruga e Archimedes Perez Filho.

Na noite de 29 de maio de 1987, o presidente da Febre Amarela, Antonio da Costa Santos, o Toninho, recebeu uma ligação anônima denunciando a demolição de paredes internas no prédio da Lidgerwood. A obra não poderia acontecer, pois o prédio estava próximo a Estação de Campinas, que já era protegida como patrimônio.

A Sociedade Febre Amarela fez um boletim de ocorrência contra a Prefeitura de Campinas, proprietária do imóvel. O então secretário de obras negou a participação da Prefeitura. As obras foram paradas e a polícia monitorou o prédio.

A Febre Amarela organizou também um ato público simbólico. Munidos de cartazes e faixas, os membros da Sociedade e moradores da região deram as mãos abraçando o prédio. As ações da Febre Amarela causaram grande repercussão na mídia.

Graças ao trabalho desse grupo pioneiro em Campinas, as discussões para instituir um conselho de defesa do Patrimônio Cultural, que se iniciaram em 1979, chegaram ao fim com aprovação da lei 5885 de 17 de dezembro de 1987, que criava o Condepacc.